

WITTGENSTEIN E FREUD: INCONSCIENTE COMO CONCEITO CIENTÍFICO OU ESTÉTICO?

WITTGENSTEIN E FREUD:
L'INCONSCIENT COMME CONCEPT ESTHÉTIQUE OU SCIENTIFIQUE

Pedro Olivieri FONSECA
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da
Universidade Estadual de Londrina (PPG-FIL / UEL).
E-mail: pedro.olivieri@uel.br

Mirian DONAT
Doutora pela Universidade Federal de São Carlos.
Professora do Departamento de Filosofia e do
Programa de Pós-graduação em Filosofia da
Universidade Estadual de Londrina.
E-mail: donat@uel.br

RESUMO:

As pretensões teóricas do presente trabalho se concentram, primeiramente, sobre a discussão do conceito de inconsciente que, por conseguinte, nos leva também a uma tomada de posicionamento a respeito do que seja o próprio pensamento. Enquanto uma primeira resposta, poderíamos tentar defini-lo como uma atividade da consciência. A partir da segunda filosofia de Wittgenstein, na obra *Investigações Filosóficas*, podemos encontrar a definição que ele dá para aquilo que configura o pensamento, sendo este um acontecimento dentro da linguagem, e assim se utiliza do solo comum da linguagem e da sua premissa de comunicabilidade para investigar seus níveis de intersubjetividade. Colocamos em comparação a esta ideia de pensamento apresentada por Wittgenstein para criar um paralelo com uma leitura sobre o conceito de inconsciente. Começando a nossa investigação sobre esse conceito, conforme foi colocado e apresentado pela psicanálise freudiana, como sendo uma parte subterrânea da psique que não se apresenta para a consciência, mas que aparece de maneira latente dentro do ato de pensamento como categoria de atribuição de sentido para a linguagem e seu uso. Deste modo, investigaremos seu método interpretativo de decodificação desse sentido inconsciente analisado dentro do uso da linguagem e como o próprio Wittgenstein criticou esse método enquanto uma metodologia científica. Por fim, como parte da conclusão entre um debate científico e estético articulado dentro da teoria wittgensteiniana e freudiana, gostaríamos de adicionar para dentro deste debate, ainda que de maneira breve, uma noção de inconsciente apresentada por Rancière para que então, possamos colocar em paridade as considerações feitas por Wittgenstein, juntamente com esta noção de Rancière, ao corroborar uma leitura da psicanálise freudiana que não parte mais estritamente de uma estrutura científica, mas para elaborar a possibilidade de uma leitura da psicanálise vinculada a estética e vinculada a arte.

PALAVRAS-CHAVE: Estética; Inconsciente; Linguagem; Psicanálise.

RÉSUMÉ:

Les prétentions théoriques du présent ouvrage portent, en premier lieu, sur la discussion du concept d'inconscient, ce qui nous amène donc également à prendre position sur ce qu'est la pensée elle-même. Comme première réponse, on pourrait essayer de la définir comme une activité de conscience. Sur la base de la deuxième philosophie de Wittgenstein, dans l'ouvrage *Philosophical Investigations*, nous pouvons trouver la définition qu'il donne de ce qui configure la pensée, qui est un événement dans le langage, et utilise ainsi le socle commun du langage et sa prémisses de communicabilité pour enquêter sur leurs niveaux d'intersubjectivité. . Nous avons comparé cette idée de pensée présentée par Wittgenstein pour créer un parallèle avec une lecture sur le concept d'inconscient. Commençant notre enquête sur ce concept, tel qu'il a été placé et présenté par la psychanalyse freudienne, comme étant une partie souterraine de la psyché qui ne se présente pas à la conscience, mais qui apparaît de manière latente dans l'acte de penser comme une catégorie d'attribution de sens à la langue et son usage. De cette manière, nous étudierons sa méthode interprétative de décodage de ce sens inconscient analysé dans l'usage du langage et comment Wittgenstein lui-même a critiqué cette méthode en tant que méthodologie scientifique. Enfin, dans le cadre de la conclusion entre un débat scientifique et esthétique articulé au sein de la théorie wittgensteinienne et freudienne, nous voudrions apporter à ce débat, quoique brièvement, une notion de l'inconscient présentée par Rancière pour que, ensuite, nous puissions mettre à parité les considérations faites par Wittgenstein, jointes à cette notion de Rancière, pour corroborer la lecture de la psychanalyse freudienne qui ne s'inscrit pas dans une structure scientifique plus appuyée, mais pour élaborer la possibilité d'une lecture de la psychanalyse liée à l'esthétique et liée à l'art.

MOTS-CLEFS: Esthétique; Inconscient; Langage; Psychanalyse.

Introdução

Centralizamos nosso enfoque no presente artigo sobre uma discussão que construiremos em torno do conceito de inconsciente. Em segundo plano, colocamos também questões por uma tomada de posicionamento filosófico a despeito do que seja o próprio pensamento.

Definimos então que o tema a ser tratado é exatamente o jogo de presença e ausência dentro da atividade do pensamento na consciência e do próprio inconsciente. Para trabalhar essa questão mergulhamos na segunda filosofia de Wittgenstein, sobretudo na obra *Investigações Filosóficas*, onde pudemos encontrar na sua filosofia uma certa definição para aquilo que configura o pensamento, sendo este um acontecimento dentro da linguagem. Dentro da obra mencionada, Wittgenstein, defende um solo comum para a linguagem, tendo como base o argumento de que toda linguagem tem como premissa a comunicabilidade, e assim constituído o famoso *argumento da linguagem privada*, para investigar seus níveis de intersubjetividade.

Após essa reconstrução teórica da contribuição wittgensteiniana para o debate da linguagem, esboçamos uma comparação e aproximação entre a ideia de pensamento como acontecimento que pertence a linguagem, apresentada por Wittgenstein, para o nosso debate no que concerne o conceito de inconsciente.

Colocamos a nossa investigação sobre o conceito de inconsciente em conformidade e em tentativa de reconstrução do que foi colocado e apresentado pela psicanálise freudiana, como sendo uma parte subterrânea da psique que não se apresenta para a consciência, mas que aparece de maneira latente dentro do ato de pensamento como categoria de atribuição de sentido para a linguagem e seu uso.

Faremos uma clara referência ao método interpretativo da psicanálise, sobretudo, como o método de interpretação como ambição de decodificação dentro de uma análise a ser realizada sobre uma parcela inconsciente do próprio sentido que é constituído dentro do uso da linguagem.

Ao final, nossa conclusão se insere em determinada perspectiva que aponta para o debate que existe e que estamos reforçando neste trabalho, a respeito do conceito de inconsciente e seu co-pertencimento entre o campo científico e o campo estético. Realizando esse movimento articulado dentro da teoria wittgensteiniana e freudiana.

Por fim, gostaríamos de adicionar uma segunda noção de inconsciente apresentada por Ranciére para que, então, possamos investigar a parcela não percebida desse pensamento, não-consciente, (des)percebida, não só dentro da estrutura científica, mas também dentro do âmbito filosófico da estética.

Desde já, pode-se perceber que não se trata de uma problemática simples, pelo fato de que a própria parcela semântica e psicológica, que escapa da consciência, seria a mais difícil de ser investigada e descrita, uma vez que esse objeto de pesquisa (o inconsciente), se concentra sob uma parcela encoberta, escondida dentro do próprio pensamento. Portanto, uma questão se coloca: como investigar aquilo que não se mostra diretamente a consciência, ou, como investigar um ponto não tangenciado mediante a atividade de consciência.

Mais a fundo, essa discussão poderia acabar se desdobrando sobre um tema que gostaríamos de partilhar em nossa discussão dentro do presente trabalho e que poderíamos investigar futuramente, dada sua profundidade. Sendo este o debate sobre a inserção da psicanálise dentro do âmbito de conhecimentos epistemológicos/científicos, ou como produção de conhecimento que não poderia se encaixar no enquadramento de produção de conhecimento científica uma vez que: “O reconhecimento da atividade mental inconsciente exigiria, como preparação psicológica, um certo rebaixamento de toda atividade da consciência... como creditar ao objeto inconsciente um caráter científico” (SIMÕES, 2011, p.25).

Em tentativa de elaborar melhor essas questões, e quem sabe almejar respondê-las, utilizaremos de partes do constructo de Sigmund Freud (1856-1939), sobretudo, as partes do seu método que pretendem captar ou decifrar algum conteúdo do inconsciente, cabendo à interpretação o papel chave de explicação para que se possa produzir alguma leitura sobre a estrutura desse inconsciente.

Para tal elaboração teórica, Freud escreve um livro sobre interpretação dos sonhos, enquanto método que compõe uma investigação dos conteúdos oníricos e inconscientes, onde baseou-se num método de *Interpretação dos Sonhos* (1900): “[...] técnica psicológica que permite interpretar os sonhos e que, aplicando-se esse procedimento, cada sonho se revela como uma formação psíquica dotada de sentido” (2009, p.25). Isto é, a elaboração de uma teoria dentro da qual fosse possível a elaboração de um meio de analisar que atribuísse sentido para os conteúdos do inconsciente.

Devemos destacar que é através de um quadro clínico, dentro da atividade da terapia e da medicina, que Freud construiu a sua teoria, mas que isso o levou a tentativa de legitimá-la como uma produção não só de conhecimento da saúde, mas também de uma epistemologia. Com isso, o inconsciente passa a ser interpretado, sobretudo, através da linguagem, pois é na linguagem que reside o papel de análise do terapeuta.

Buscaremos investigar como isso parece se desdobrar em uma questão que consegue reunir e aproximar, ou ao menos, abrir uma espécie de diálogo entre a psicanálise freudiana para com a filosofia

de Ludwig Wittgenstein (1889-1951), a qual funda uma crítica à tradição filosófica, calcada sobre uma análise lógica da linguagem. É na investigação linguística e semântica que convergem os interesses de Freud e Wittgenstein, pois ambos concordavam em investigar, em buscar e tentar entender o processo de construção de sentido e de significado para os usos das palavras dentro da linguagem.

Conforme aponta Eduardo Simões:

Freud teria mostrado, em suas interpretações, que o significado aparente de uma palavra, em sua gramática superficial, poderia ser bastante diferente do significado revelado por sua gramática profunda. Wittgenstein considerava que Freud era extremamente astucioso em relação à interpretação. Ele comparava os efeitos de seu próprio ensinamento àqueles de Freud (McGUINNESS apud BOUWSMA, 1982, p.9-12).

Portanto, surge essa semelhança entre o pensamento de ambos, visto que para Freud existe um significado latente na utilização da linguagem, do mesmo modo que para Wittgenstein também ocorre um encobrimento do significado original, o que acontece quando a filosofia retira determinado termo do seu significado prático e cotidiano. Wittgenstein mostra os problemas e complicações que esse isolamento teórico traz para a compreensão do uso conceitual das palavras, bem como acaba por atingir e minar o campo intersubjetivo da premissa comunicativa de todo e qualquer uso da linguagem.

A partir disso, podemos enxergar o mínimo de semelhança entre esses dois autores, dentro da qual não se pode deixar de preservar também suas diferenças e singularidades. Se trata de, num primeiro momento, apenas sustentar um ponto de encontro para que possamos apresentar o diálogo que se pretende estabelecer entre estes dois autores. Por fim, esse ponto comum aqui será encarado como duas investigações gramaticais do uso da linguagem em busca de uma apuração de seu sentido e significado, contudo, com interesses, com finalidades e com embasamentos teóricos diferentes.

1. Freud e Wittgenstein: dois pensamentos sobre linguagem

Wittgenstein, em suas *Investigações Filosóficas* (1953), faz uma crítica a utilização dos conceitos, sobretudo do uso dos conceitos feito pela tradição filosófica, que acabou por associar o sentido e o significado das palavras a um uso meramente conceitual, que ficaria cada vez mais distante do seu uso e da sua aplicação prática dentro do cotidiano das relações sociais, num dado uso interpessoal da linguagem e também da forma com que as pessoas enxergam e interpretam o mundo. Deste modo, ele fez uma crítica à filosofia, embasado e amparado sobre uma investigação gramatical da linguagem, para mostrar

que os filósofos não estavam lidando com problemas reais, mas que, através da linguagem, ou do que ele coloca como um mau uso da linguagem, estavam desenvolvendo apenas confusões ou ilusões gramaticais.

Com isso o autor pretende dissolver os problemas da filosofia pela análise da linguagem,:

Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração deve trazer luz para o nosso problema, afastando mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem (WITTGENSTEIN, 1996, § 90).

Exatamente pelo traço que a filosofia tem, dentro da utilização e criação dos conceitos, enquanto conjunto de significados das palavras, defini-los através de ligações estritamente conceituais, criando uma espécie de tecido teórico que teria como efeito um distanciamento entre esse significado conceitual, que se forma no âmbito filosófico, para com o uso rotineiro das palavras, isto é, dentro do seu uso no dia-a-dia, seu uso no cotidiano, isto é, da própria experiência prática do uso da linguagem.

Wittgenstein, propondo uma volta ao uso regular e cotidiano das palavras para a identificação de seus sentidos e significados através dos *jogos de linguagem* e das *formas de vida*, acaba por apontar que dentro da filosofia criam-se confusões gramaticais. Para o autor, a filosofia elabora emaranhados dentro da linguagem em que o sujeito se distancia tanto do real, das práticas cotidianas que não consegue mais enxergar o significado dos conceitos dentro dele, ficando cada vez mais distante do sentido pragmático do cotidiano dos sentidos

Quando os filósofos usam uma palavra – “saber”, “ser”, “objeto”, “eu”, “proposição”, “nome” – e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe? *Nós* reconduzimos as palavras do seu uso metafísico para seu emprego cotidiano (WITTGENSTEIN, 1996, § 116).

Precisamente no que tange a questão gramatical da filosofia, a sua atividade conceitual é a responsável por colocar, criar, elaborar, reformular e ampliar os significados dos conceitos. Wittgenstein aponta que essa atividade de elaboração dos significados dos conceitos, quando restrita somente a atividade conceitual, levaria a uma atribuição de significado demasiadamente parcial, que levaria a uma desconsideração de toda uma parcela da linguagem. Nesse procedimento não se consideram as relações interpessoais encontradas nas formas de vida dentro do seu uso cotidiano, e que poderia resultar numa quebra das bases interpessoais e intersubjetivas da própria linguagem.

Por isso, para ele a filosofia meramente conceitual causaria uma contaminação dos níveis objetivos de conhecimento e uso da linguagem, porque em certas construções da filosofia tradicional acaba se isolando o uso conceitual da linguagem e se concentrando sobre um sujeito reflexivo consigo mesmo em seus pensamentos, e que por vezes acaba não levando em consideração o uso prático e cotidiano da linguagem, que é onde se encontra o legítimo significado dos termos. É de fundamental importância

pontuarmos a volta ao cotidiano que Wittgenstein faz para a compreensão dos sentidos das palavras e das proposições, reconhecendo a importância da experiência intersubjetiva e comunicativa da linguagem, que é onde aprendemos os significados dos termos, dentro do seu uso contextual.

Cabe então dizer que o método filosófico de Wittgenstein é baseado numa investigação gramatical e não numa elaboração de teorias. No caso dos problemas colocados pela filosofia, Wittgenstein enxerga o problema dos emaranhados dentro da linguagem, esses emaranhados seriam suficientemente embolados para que o filósofo passasse a deixar de lado aspectos primordiais da linguagem, deixando-os em níveis de plena inconsciência, de não percepção, que levariam-no a não identificar que os problemas dos quais seus conceitos estão tratando não são reais, mas se restringem a problemas derivados do uso que ele próprio fez da linguagem.

É nesse não enxergar, não identificar, não perceber determinados aspectos da realidade que consiste o erro do filósofo teórico conceitual, como se pela sua distância das práticas ele estivesse impossibilitado de enxergar o significado mais “primordial” das palavras. Neste sentido, podemos observar uma espécie de confluência entre a psicanálise de Freud, no que consiste a sua investigação sobre o conceito de inconsciente, para com as ideias de um modo de filosofia defendido por Wittgenstein, no sentido de sua investigação gramatical numa análise de esclarecimento da linguagem.

Então, se Wittgenstein parte de uma volta para o sentido e o significado dentro do uso dos conceitos aplicados na linguagem cotidiana, Freud vai aproximar os seus estudos do inconsciente para com o método de interpretação dos sonhos, sugerindo a ideia de uma linguagem onírica (inconsciente). Sendo assim, ambos acabam fazendo um estudo que tangencia a linguagem como elemento principal e fundamental para as condições de elaboração de suas respectivas teorias.

Freud defende em sua teoria que o inconsciente seria investigado estritamente através da fala, dentro da terapia e através do relato dos seus pacientes, formando assim, exatamente uma investigação dentro do uso da linguagem. Wittgenstein tem como premissa da sua crítica uma investigação conceitual feita sobre a linguagem filosófica, uma vez que os filósofos, por seu distanciamento e descolamento tão grande da realidade, acabariam passando a fazer uma utilização somente teórica sobre determinados conceitos.

Entretanto, poderíamos dizer que as duas análises partem de jogos de linguagem diferentes, pois estão partindo de interesses não comuns que abrem horizontes de possibilidades de sentidos distintos para os seus estudos. Wittgenstein se preocupando em fazer filosofia, encarando os limites da linguagem, enxerga que suas contribuições não tomam cunho de proposições científicas, pois: “é como se

devêssemos *desvendar* os fenômenos: nossa investigação, no entanto, dirige-se não aos fenômenos, mas, como poderíamos dizer, às *possibilidades* dos fenômenos” (WITTGENSTEIN, 1996, § 90). Já Freud, em sua ambição médica, acaba sujeitando não só um de seus conceitos mais caros, que é o de inconsciente, para reduções de proposições e enunciados científicos, mas também coloca em xeque toda a sua teoria psicanalítica, ao querer colocá-la dentro dos moldes e padrões de conhecimento científico.

Se tentamos até agora mostrar proximidades e interconexões entre o pensamento de Freud e Wittgenstein, pretendemos adiante, por conseguinte, estabelecer algumas das diferenças fundamentais que existe entre os dois. Utilizando o conceito de jogos de linguagem de Wittgenstein, vemos que os sentidos das palavras dependem do uso em que ela está inserida, e o que possibilita a comunicabilidade ao outro são suas regras, que garantem níveis de objetividade para os usos dos termos para determinado uso contextual da linguagem.

Neste caso, podemos dizer que Wittgenstein e Freud se colocam em dois registros de linguagem diferentes em dois jogos separados, onde o de Wittgenstein é estritamente filosófico, mostrando a condição *sine qua non* da intersubjetividade para o uso linguagem e para um nível básico de compreensão deste uso, enquanto o de Freud é centralizado sobre estudos da neurociência e que então pretende estabelecer-se dentro de um jogo de linguagem que pertencesse estritamente ao da ciência.

2. Crítica de Wittgenstein à pretensão Científica da Psicanálise.

Como podemos observar, Freud acaba por se esforçar obstinadamente em colocar sua psicanálise dentro dos métodos de pesquisas científicas: “A intenção é prover uma psicologia que seja ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais específicas, tornando assim esses processos claros e livres de contradição” (1996, p.223).

Sua pretensão de colocar a psicanálise no patamar de conhecimento científico aparece explicitamente na citação acima, feita ainda nos seus textos pré-psicanalíticos.

Gostaríamos de deixar uma pequena ressalva para a estrutura da psicanálise defendida enquanto ciência, antes de partirmos para as considerações que Wittgenstein fez, no sentido de mostrar a sua impossibilidade de inserção no campo científico e chamando a atenção para algumas ideias e conceitos da psicanálise, como o conceito de pulsão, de libido, até mesmo o do princípio de prazer.

Colocados como função primordial da atividade de cargas e descargas de energia psíquicas, o acúmulo de cargas psicológicas levaria a uma tensão (desprazer), isto é, através de seu método quantitativo, o acúmulo concentrado de energia psíquica tende a deixar o aparelho em condições de busca por formas de realizar a descarga, ao passo que o escoamento e deslocamento, bem como a descarga da energia, seria como um alívio, uma realização dessa energia psíquica que, quando externalizada, seria geradora de prazer por colocar o aparelho novamente em condições de inércia.

Estes são princípios pautados na segunda lei da termodinâmica (entropia), que defende a transferência de energia térmica com a finalidade do equilíbrio de temperatura, e consequentemente, um equilíbrio da energia psíquica. Deste modo, vemos a tentativa de Freud de fazer uma medição do grau de desordem das partículas em sentido de energia térmica, sobretudo, dentro de um sistema físico, nos casos em que a energia psíquica de determinados pacientes não alcançasse um equilíbrio (ECKHARDT; BOCCA, 2011).

Feitas estas ressalvas de outras possibilidades de leituras para a psicanálise na leitura freudiana do aparelho psíquico através de um sistema de economia de energias, tendo por base as leis da termodinâmica, precisamos apontar que nosso foco não é sobre defender, ou encarar como não sustentável, toda a estrutura da psicanálise sobre o edifício científico, mas sim analisarmos especialmente o conceito de inconsciente.

Voltamos, portanto, à questão colocada anteriormente: como encarar o inconsciente enquanto objeto científico? E por sua vez, voltamos à questão da interpretação dos sonhos em Freud, para buscarmos resposta a essa pergunta e colocar uma nova: como garantir cientificamente que o sonho é uma demanda de energia psíquica voltada para a realização de algum desejo?

Como um adicional dessas questões, que já se levantam como dificuldades, Wittgenstein ainda coloca em xeque o papel da interpretação dos sonhos dentro da psicanálise, dizendo que por vezes essa decodificação das imagens do sonho, imagens oníricas, são dadas a uma interpretação de sentido feita pelo próprio paciente, outrora diz que a significação desses elementos é algo feito sobre os domínios do conhecimentos do médico analista: “Freud nunca mostra como saberemos onde parar, onde está a solução correta” (WITTGENSTEIN, 1966, p.75).

O método de interpretação dos sonhos acaba não podendo sustentar uma interpretação “correta” das imagens oníricas, tal qual uma ciência pode fazer uma leitura “correta” de tais e tais experimentos, e por isso Wittgenstein afirma que a psicanálise não está no nível de proposições científicas, dizendo:

Quando estudamos Psicologia, talvez sintamos que há algo de insatisfatório, uma certa dificuldade no que concerne a toda a matéria ou estudo - porque tomamos a Física como nossa ciência ideal... E então verificamos que não podemos usar, em Psicologia, a mesma espécie de “métrica”, as mesmas ideias de mensuração da Física... em leis causais em física, pensamos em experimento. Não temos nada que se assemelhe a isso no tocante a sensações e motivação (WITTGENSTEIN, 1966, p.74-75).

Mais à frente, no mesmo texto, aparece um aceno para o que se desejaria obter, em sentido de experimento, para poder configurar os estudos sobre os sonhos dentro de um método científico: “Ao ler o relato de um sonho, poder-se-ia predizer que o sonhador poderia ser levado a evocar tais e tais lembranças. E essa hipótese poderia ou não ser verificada. A isso se poderia chamar um tratamento científico do sonho” (WITTGENSTEIN, 1966, p.81).

Entretanto, como vimos anteriormente, não existe a possibilidade de submetermos os estudos sobre os sonhos a níveis de observação de experimentos, tal como os métodos das ciências naturais e exatas fazem, menos ainda a possibilidade de o colocarmos sob o critério científico de verificabilidade, para que então seus enunciados pudessem passar por valoração de bipolaridade (V, ou, F).

Os enunciados da psicanálise, no que concerne ao método de interpretação dos sonhos, não poderiam receber valor de verdade ou de falsidade, pois não se inserem no campo da verificabilidade, tal qual os experimentos científicos, e com isso, estariam destituídos de um lugar científico, pela própria natureza de suas proposições e sentenças teóricas. Por isso, as interpretações não podem se equiparar com as hipóteses de teorias científicas, visto que a precisão empírica que uma teoria científica tem em sua formulação é muito maior do que a objetividade encontrada nas interpretações dos sonhos, que se apresentam como múltiplas e sem a possibilidade de provar qual seria a correta: “Provavelmente, há muitas espécies de sonhos, e não existe nenhuma linha única de explicação para todos eles. Assim como há muitas espécies de gracejos. Ou assim como há muitas espécies diferentes de linguagem” (WITTGENSTEIN, 1966, p.82).

Dentro do artigo: *Ciência, ou Estética? Wittgenstein e as Implicações Linguísticas em torno da Psicanálise Freudiana*, escrito por Eduardo Simões, existem aspectos que servem como base para pensarmos a crítica wittgensteiniana à psicanálise, destaca-se um ponto que é trazido de dentro da investigação da linguagem elaborada por Wittgenstein.

O artigo aponta para uma leitura wittgensteiniana que apresenta um erro gramatical dentro da psicanálise, sendo este o de ter cometido uma confusão entre uma gramática das causas com a gramática das razões. A primeira é a gramática das ciências, visto que ela apenas organiza uma explicação para a sequência de eventos observados no experimento, o que configura uma explicação causal para as proposições de descrição das experiências. A segunda, por sua vez, a gramática das razões, não formula

hipóteses que podem ser comprovadas através de teorias. As razões apresentam motivos e justificativas pelas quais os indivíduos podem falar de suas ações, por exemplo: “foi por esta razão que fiz aquilo”, etc. A razão exige um reconhecimento por parte do interessado na explicação.

Consequentemente, segundo Wittgenstein, as razões e os motivos são a base do reconhecimento que a psicanálise precisa identificar no seu método de interpretação. No sentido de que ela precisa decifrar o por que tais e tais símbolos aparecem em determinada imagem onírica, ou, o por quê dela ter sonhado aquilo, enquanto significado para aquela atividade onírica. É preciso que o analista saiba ou ajude o analisando a encontrar as razões e motivos que o levaram a ter determinado sonho, com determinado conteúdo, contexto, enredo, etc.

Chegamos a concluir, com as críticas de Wittgenstein à psicanálise, que não seria possível que a análise interpretativa dos sonhos mostrasse uma cadeia causal de eventos dentro dos quais aquele sonho poderia ser verificado, para que então a sua possibilidade de interpretação fosse considerada como correta e verdadeira: “Esta é a confusão, denunciada por Wittgenstein, que Freud faz da gramática das causas, com a gramática das razões” (SIMÕES, 2011, p.27). Com isso podemos compreender a afirmação na crítica de Wittgenstein: “Freud alega constantemente que está sendo científico. Mas o que fornece é especulação - algo anterior, inclusive, à formação de uma hipótese” (WITTGENSTEIN, 1966, p.78).

Conclui-se aqui que a psicanálise não atinge os critérios necessários para a produção de conhecimento científico, pois, segundo Wittgenstein, ela não garante níveis de objetividade dentro do seu método de interpretação dos sonhos, assim não pode sequer propor hipóteses, mas a interpretação se sustenta enquanto busca de sentido para os sonhos, enquanto decodificação da simbolização dos sonhos, partindo da ideia de uma linguagem onírica que o próprio Wittgenstein reconhece que possa existir: “Simbolização em sonhos... prova que existe algo assim como uma linguagem onírica” (WITTGENSTEIN, 1966, p.78).

3. O Conceito de Inconsciente

A noção de inconsciente que aparece na leitura wittgensteiniana da psicanálise é mencionada de maneira muito mais próxima à mitologia do que a ciência: “Em verdade, Freud fez coisa muito diversa. Não deu uma explicação científica do mito antigo. O que fez foi propor um novo mito” (1966, p.78).

Dentro dos comentários de Wittgenstein feitos sobre a psicanálise, no que se refere a dificuldade de interpretação de uma linguagem dos sonhos, ele faz isso através de uma comparação do método de interpretação da psicanálise para com exemplos de interpretação de obras de arte, como de uma pintura, escultura, música, entre outras. Pelo postulado que o sonho também é constituído de uma linguagem simbólica tal como as artes, reconhecendo a linguagem dos sonhos como: “Uma maneira de dizer algo, ou uma maneira de simbolizar algo. Poderia haver um simbolismo regular não necessariamente alfabético” (Idem, p.83). É nas imagens oníricas e em seus aspectos simbólicos que surgem as aberturas de criação de sentido para os sonhos, e de vínculo entre uma espécie de linguagem onírica para com a linguagem ordinária: “Parece haver algo nas imagens oníricas que tem certa parecença com os signos de uma linguagem” (Ibidem, p.79).

O autor insere a atividade de interpretação dos sonhos da psicanálise, sob o aspecto figurativo, com dois exemplos. O primeiro exemplo parte da comparação feita entre a análise dos sonhos para com o ato de pintar uma tela: “Pense em reconhecer uma pintura como um sonho”. O segundo exemplo é baseado no conceito de jogo: “Suponhamos que encaramos o sonho como uma espécie de jogo que o sonhador jogasse”. (Ibidem, p.77 e 85).

No primeiro exemplo, em clara referência a atividade artística da pintura, das formas pictóricas e como elas aparecem nos sonhos através das imagens, bem como no segundo, ao recorrer ao exemplo do jogo, podemos notar a importância que existe na atividade lúdica da fantasia, da criação e do brincar. Então, assim começa a se evidenciar um vínculo aproximativo entre a arte e a estética para com a psicanálise.

Para Wittgenstein, a explicação freudiana tem a aparência de ser uma explicação causal, mas o que de fato Freud faz, ao propor uma explicação, é algo muito mais próximo de uma explicação estética. "Ele coloca os dois fatores um ao lado do outro" (WITTGENSTEIN, 1932-1935, p.39-40 apud SIMÕES, 2011, p.29).

Com base nessa passagem, nos sentimos legitimados a tentar elaborar uma investigação sobre o conceito de inconsciente que vai do pensamento crítico de Wittgenstein a respeito da psicanálise freudiana, a uma leitura do conceito do inconsciente vinculado a uma espécie de teoria estética. Podemos, então, colocar a questão de qual enquadramento de perspectiva seria mais adequado para tratarmos especialmente do conceito de inconsciente no sentido de nos colocarmos a pensar se a psicanálise realmente pode se enquadrar sobre o cânone das estruturas das ciências, das regras lógicas e da parcela empírica de seus experimentos dentro da causalidade.

Ou, por outro lado, se seria possível uma elaboração adequada de um movimento que possa colocar a interpretação desta linguagem onírica e inconsciente a níveis de reconhecimento para com o

seu sentido estético, para que seja possível observarmos e estudarmos o conceito de inconsciente sobre o âmbito de discussão que faz parte de um conjunto de teorias filosóficas sobre a arte e sua linguagem simbólica.

Devemos pontuar que, na filosofia de Wittgenstein, sobretudo a que viemos tratando dentro do presente trabalho, que é a sua segunda filosofia, o tema da estética fica disperso e espalhado, sem receber uma nítida concentração, sem reunir uma delimitação teórica e pontual, bem como uma construção específica. Apesar disso, o eixo temático da estética é considerado como um dos seus maiores interesses: “Posso achar questões científicas interessantes, mas elas nunca me empolgam de verdade. Só as questões conceituais e estéticas conseguem isso” (WITTGENSTEIN, 1984, apud SIMÕES, 2011, p.26).

Desta maneira, enfrentam-se problemas e dificuldades quando tentamos nos concentrar sobre fragmentos de passagens que o autor tenha tratado da estética, para conseguir colocarmos nossas perspectivas dentro do suporte e embasamento teórico necessário, pois se por um lado o autor acabou escrevendo pouco sobre o tema, por outro lado a importância dada a este tema dentro de sua filosofia era enorme. A tal ponto de chegar a afirmar que o campo da estética constitui um dos âmbitos fundamentais para pensar o sentido da existência humana, e ainda mais, como a importância desse campo permite uma ampliação de sua experiência de vida conjuntamente e através do uso da linguagem.

A distinção entre fatos e valores, entre aquilo que se pode ser expresso na forma proposicional, dentre os limites da linguagem e possibilidade de figuração no mundo, admitindo assim uma condição de verdade ou não e aquilo que não pode ser expresso através da forma lógica, a saber: a própria lógica, a ética e a estética. Ou seja, a estética assume a posição de excesso na obra (ABECHE, 2018, p.70).

Em síntese, Wittgenstein coloca a estética como um dos campos fundamentais para a construção de sentido para a vida, embora o campo da estética não consiga elaborar uma resposta dentro de uma proposição objetiva e direta, como a ciência proporciona em outras questões. Mas, ainda assim, a estética poderia elaborar um panorama de horizonte de sentidos dentro do seu conceito de “ver aspectos” desenvolvido dentro da obra *Investigações Filosóficas*.

Nas Investigações Filosóficas, o conceito de ver aspectos exemplifica a importância estética no pensamento tardio de Wittgenstein, demonstrando que agora o amparo da estética não é mais a inefabilidade, nem a engessada estrutura lógica, mas o chão duro da práxis, habitado pelas inúmeras formas de vida (ABECHE, 2018, p.70).

O conceito de ver aspectos está desvinculado da condição de passividade do olhar e do seu sentido que seria a visão. Mas, o sentido de ver, dentro dessa ideia de ver aspectos, está ligado e vinculado a uma vontade e ao uso da imaginação, pois se trata de capturar e apreender aquilo que não está dado como componente explicitamente visível e nem é entregue somente pela observação direta desta visão. O ver aspectos está implicitamente ligado a condições que dependem de uma interpretação do sujeito

sobre aquilo que foi observado, da sua capacidade de ligação conceitual que possa ser aplicada para interpretar aquele dado que foi coletado pela visão

O conceito se coloca, então, num limiar entre a condição biológica e empírica do ver e do pensar como ato voluntário da consciência. O conceito de ver aspectos estaria entre a visão e a interpretação como uma união de ambas, visto que não pode ser reduzido somente a uma sensação, mesmo que dependa dela, nem unicamente ao pensamento, pois sem a percepção da experiência, não existiria a possibilidade de elaboração de uma interpretação para a mesma:

À cor dos objetos corresponde a cor na impressão visual (este mata-borrão parece-me cor-de-rosa, e é cor-de-rosa) -, à forma do objeto corresponde a forma na impressão visual (parece-me retangular, e é retangular) – mas o que percebo na revelação do aspecto não é a propriedade do objeto, é uma relação interna entre ele e outros objetos. (WITTGENSTEIN, 1996, p. 192).

Vemos que o que Wittgenstein está defendendo por ver aspectos depende de uma junção entre uma vivência, que seria a experiência empírica do sujeito, e uma intencionalidade da imaginação como forma de mediação, organização e interpretação para essa vivência.

A expressão da mudança de aspecto é a expressão de uma nova percepção, ao mesmo tempo com a expressão da percepção inalterada... E por isso, a revelação do aspecto aparece entre vivência visual e pensamento (WITTGENSTEIN, 1996, p.181).

Ver aspectos é uma atividade, diferente da passividade da visão, isto é, o mero ver, e o olhar como observação. Assim, a diferença de percepção atribuída a um mesmo objeto torna-se não uma questão empírica da visão, mas uma questão conceitual. Dessa forma, acreditamos que, mesmo que Wittgenstein estivesse interessado sobre os níveis de intersubjetividade estipulados dentro da linguagem, ainda assim, não chega a negar que exista uma experiência subjetiva de interpretação. O que torna possível a identificação de um sentido estético para a noção do conceito de ver aspectos, uma vez que ele dependa do pensamento e da imaginação enquanto atos voluntários e intencionais para a formulação de determinado sentido: “E é a permanência da arte sobre a perda que, neste caso, responde pela superação e pelo sentido da vida cuja ausência a filosofia parece ser incapaz de remediar” (SÄTTLER, 2014 ,p.111).

Considerações finais:

Subsequentemente, por vias de conclusão, sugerimos uma aproximação que nos parece passível de ser feita, ainda que em uma espécie de um primeiro esboço, para que se possa acrescentar e conectar a este debate algumas das considerações feitas pelo filósofo contemporâneo Jacques Rancière. Para isso,

gostaríamos de considerar a sua obra: *O Inconsciente Estético* (2001) em que o autor sugere uma vertente de leitura muito peculiar e interessante sobre a teoria da psicanálise tradicional.

No desdobramento desta obra é feita toda uma demonstração de investigações que pretendem pontuar a construção da psicanálise, feita por Freud, através de um subsolo das manifestações artísticas indicando que a própria psicanálise teria encontrado não no âmbito da ciência, mas no da estética uma fundamentação para análise do inconsciente. A muito tempo a arte já vinha se servindo do inconsciente como fonte de um potencial criativo, de criatividade imaginária e simbólica, antes mesmo da psicanálise tentar empregar o conceito de inconsciente dentro de uma investigação científica.

É preciso, então, ir às teses do próprio Freud. E eu começaria por uma anotação evidente: certo número de documentos escolhidos para atestar a existência do Inconsciente provém da criação literária, da poesia, o que em alemão se traduz pelo termo *Dichtung* (BENMASOUR, 2005, p.465).

Essa ideia de que as premissas da psicanálise freudiana estão colocadas mais sobre o território da estética do que da ciência, nos possibilita uma abertura de perspectiva para a noção de inconsciente. Rancière, no começo de sua obra diz: “Minha hipótese é que o pensamento freudiano do inconsciente só é possível com base nesse regime do pensamento da arte e da ideia do pensamento que lhe é imanente” (2009, p.13-14). Embora, mais próximo do final da mesma, ele reafirma que: “Torno a dizer: não pretendo, ao esboçar em traços largos a figura literária e filosófica do inconsciente estético, estabelecer uma genealogia do inconsciente freudiano que assumisse esses traços” (Idem, p.43).

Por conseguinte, sua ideia não é fazer uma genealogia do conceito freudiano do inconsciente para identificar pontualmente como aparecem referências da estética (literatura e filosofia) dentro do pensamento e da teoria de Freud. Mas, sua tarefa é exatamente o exame de uma aproximação entre o que define como inconsciente estético, para com o inconsciente freudiano, tratando de suas diferenças e semelhanças.

Porém, não podemos deixar de notar que um dos grandes eixos argumentativos da obra mencionada consiste no eixo interpretativo que coloca a psicanálise sobre o solo da arte, enquanto embasamento e fundamentação de sua teoria:

a teoria psicanalítica do inconsciente é formulável porque já existe, fora do terreno propriamente clínico, certa identificação de uma modalidade inconsciente do pensamento, e porque o terreno das obras de arte e da literatura se define como o âmbito de efetivação privilegiada desse ‘inconsciente’ (RANCIÈRE, 2009, p.11).

Ao tentar enxergar a teoria freudiana do inconsciente sobre as bases de um conhecimento estético, em contraponto a estrutura da ciência, mesmo que passando por cima da tentativa freudiana de estabelecer sua psicanálise dentro do conjunto das ciências, podemos compreender que a crítica de

Wittgenstein à psicanálise se direciona justamente sobre essa confusão feita entre os jogos de linguagem da ciência e da arte, da descrição objetiva dos fenômenos e da interpretação das experiências subjetivas que atribuem sentido à vida.

Ele se opõe à ideia de o valor estético de um objeto pertencer a um efeito psicológico positivo em uma audiência. Assim, nega explicações causais para as experiências estéticas. Os mecanismos causais, com os quais Freud intencionou justificar e explicar a origem das neuroses e do impulso criador artístico são considerados de valor duvidoso, quando busca-se uma explicação causal para o prazer estético (ABECHE, 2018, p.74).

De modo que, não só o inconsciente, mas a própria estética não se encaixa e não cabe dentro dos moldes de explicação das coisas através da ideia de causalidade, mas somente sobre o âmbito de interpretação das experiências através de valores artísticos, imaginários e pessoais. Assim, fica muito clara a confusão que se pode cometer entre os níveis gramaticais de experiências simbólicas e valores imaginários, para com as descrições de proposições lógicas.

Referências Bibliográficas

ABECHE, Daniel Pala. Estética e Linguagem: crítica à ontologia do belo e à causalidade. *Revista Kínesis*. Marília (UNESP), nº 22, 2018, p.68-78.

BENMASOUR, Maryan. O inconsciente se lê e se escreve como um poema: condições poéticas do inconsciente psíquico. Trad. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto. *Psicologia em Estudo*. 2005, p. 463-469.

ECKHARDT Mouammar, Christiane Carrijo; BOCCA, Francisco Verardi. Civilização, sexualidade e entropia no pensamento de Freud. *Revista de Filosofia Aurora*. Curitiba: PUCPR, v. 23, n. 33, p. 441-452, 2011.

FREUD, Sigmund. *Interpretação dos Sonhos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FREUD, Sigmund. *Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos* Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Imago, 1996.

McGUINNESS, B. Freud and Wittgenstein. In: Wittgenstein and his Times. Ed. B. McGuinness, Oxford; B. Blackwell, 1982.

RANCIÈRE, Jacques. *O Inconsciente Estético*. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009.

SATTLER, Janyne. Leituras Literárias de Wittgenstein. In: NEVES FILHO, Eduardo Ferreira das e CARMO, Juliano do. *Wittgenstein: notas sobre lógica, pensamento e certeza*. Ed. Pelotas: NEPFIL online. Série: Dissertatio-Studia, 2004.

SIMÕES, Eduardo. Ciência, ou Estética? Wittgenstein e as Implicações Linguísticas em torno da Psicanálise Freudiana. *Revista Argumentos* (UFC), n.6, p.21-31, 2011.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Estética, psicologia e religião: palestra e conversações*. Trad. José Paulo Paes (SP), Cultrix, 1966.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Trad. José Carlos Bruni, São Paulo: Nova Cultural, Coleção: Os Pensadores, 1996.



FONSECA, Pedro Olivieri; DONAT, Mirian. WITTGENSTEIN E FREUD: INCONSCIENTE COMO CONCEITO CIENTÍFICO OU ESTÉTICO?. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.20, n.2, 2023, eK23039, p. 01-17.

Recebido: 02/2023

Aprovado: 05/2023